

# O que resiste ao concreto?

*What resists concrete?*

Rhuan Cruz (PPGA-UFES)<sup>1</sup>

**Resumo:** O ensaio visual “O que resiste ao concreto?” reflete sobre a relação entre cidade e natureza, questionando como o urbano, marcado por formas rígidas e artificiais, convive com o orgânico. A observação recai sobre as fissuras onde a vida resiste e se infiltra, revelando tensões entre integração e exclusão. As imagens não buscam respostas, mas convidam a perceber o urbano como espaço de mistura, transformação e convivência entre diferentes formas de vida.

**Palavras-chave:** arquitetura visual; econarrativa; fotografia.

**Abstract:** The visual essay “What resists concrete?” reflects on the relationship between city and nature, questioning how the urban, marked by rigid and artificial forms, coexists with the organic. The focus is on the cracks where life resists and infiltrates, revealing tensions between integration and exclusion. The images do not seek answers but invite us to perceive the urban as a space of mixture, transformation, and coexistence among different forms of life.

**Keywords:** visual architecture; econarrative; photography.

DOI: 10.47456/col.v15i26.49971



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#)

<sup>1</sup> Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma instituição (2017-2022) e cursando Fotografia pela Universidade de Vila Velha (UVV). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5734371556785945>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4723-2273>.

## **Introdução**

Este ensaio visual emerge como provocação: uma tentativa de interrogar os espaços urbanos, de perscrutar suas arquiteturas e tensionar as rationalidades que moldam a urbanização. Trata-se de lançar um olhar sobre a vida racionalizada por dicotomias – sombra e luz, natural e artificial, razão e abstração – e, a partir delas, perguntar: como concebemos a natureza? Qual é a relação entre a massificação dos espaços urbanos e a urgência de uma consciência ecológica? Mais ainda: de que modo somos conduzidos a perceber a integração – ou o distanciamento – entre urbanização e natureza?

Os questionamentos aqui tecidos nascem de uma escuta que se abre ao que habita no gesto instituído pela força humana, em convergência com a ordem da natureza. São ambivalências que se revelam ao ouvir o que vem de fora, mas que encontra ressonância dentro, fazendo emergir uma experiência capaz de perceber o que pulsa nesse corpo intermediário, lugar de passagem entre objeto e sujeito. A observação se volta para o *entre*, para as fissuras onde se encontram e se tensionam manipulação e integração, o humano, o natural e o animal.

É nesse ponto que recorro à leitura do “sensível”, delineada pelo filósofo Emanuele Coccia: “É somente interrogando-se sobre a natureza e as formas de existência do sensível que é possível definir as condições de possibilidade da vida em todas as suas formas, seja humana ou animal.” (Coccia, 2010, p. 11).

Partilhar do “sensível” se trata, assim, de compreender as nuances da vida que, muitas vezes, perde-se na própria tentativa por compreendê-la. Afinal, as cidades, em suas formas rígidas, nos distanciam, constantemente, da possibilidade de convergência com o natural, como considera Nêgo Bispo, ao dizer que a cidade é contrária à natureza:

A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram. (Bispo, 2023, p. 18)

Dessa forma, busco observar, neste ensaio, como as formas rígidas e as linhas marcadas das construções demarcam um ponto de encontro com a natureza, se a vida artificial da cidade converge, de alguma forma, com outras formas de vida, ou se a permanência das diferentes vidas, do que é orgânico, manifesta-se apenas a partir do esforço do permanecer, uma vez que, em certos momentos, parece que o concreto abre espaço, dá passagem, e a vida se infiltra. Em outros, é a própria natureza que vai tomado conta, envolvendo e transformando o que foi construído. As fotografias deste ensaio não têm a intenção de trazer respostas prontas. Elas convidam o olhar a perceber o urbano de outro jeito – como um ambiente onde o ser humano não está separado da natureza, mas faz parte dela. Um lugar através do qual tudo convive, mistura-se e se transforma.



Figura 1. enxergar além. Acervo do autor, 2025. Fotografia de uma estrutura de concreto cinza destacando a sobreposição de linhas contra a vegetação, a sombra e a claridade.

Figura 2. sem título. Acervo do autor, 2025. Imagem de superfície de concreto cinza, vista de baixo para cima, com destaque para o cano vertical, de dentro do qual sai uma corrente de metal. Ao fundo, preza nas colunas e vigas de concreto, há uma tela de nylon preta.





Figura 3. abertura natural. Estrutura de concreto com pilares metálicos verticais, vista em perspectiva lateral, ladeada por árvores e folhagens verdes sob luz solar intensa.



Figura 4. o que resiste ao concreto. Acervo do autor, 2025. Estrutura de concreto aproximada da vegetação sob luz natural. A imagem divide-se em linhas horizontais de concreto, com a faixa central coberta por uma tela de nylon preta afixada. A faixa superior deixa ver o céu azul e as copas de duas árvores.

Figura 5. dualidade. Acervo do autor, 2025. Plano vertical de concreto dividido em duas áreas: uma iluminada pela luz do sol, com folhas verdes despontando e outra em sombra intensa.





Figura 6. a pele do concreto. Superfície de concreto, textura áspera, fissuras e manchas escuras. Árvores coexistindo com a estrutura de concreto.



Figura 7. onde o rígido respira. Acervo do autor, 2025. Vão de concreto onde se encontram folhagens secas e brotos verdes de uma vegetação que nasce.

## **Referências**

- BISPO, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu, 2023.
- COCCIA, Emanuele. **A vida sensível.** Trad. Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e barbárie, 2010.

Recebido em: 4 de setembro de 2025.

Publicado em: 29 de dezembro de 2025.